**Uma imagem com texto, Batata-doce, inhame, vegetal

Descrição gerada automaticamente**

**Ritos Iniciais**

**Procissão e Cântico de entrada | Saudação Inicial | Monição Inicial**

P. O tempo do verão e das férias permite-nos saborear a beleza e a riqueza da Criação. À beira-mar ou no alto da montanha, à sombra de uma árvore ou de *sol a sol* por entre as searas, os céus e a Terra proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos. Somos desafiados a abrir o livro da Natureza, com as mãos de um jardineiro e o coração de um poeta. A Natureza está cheia de palavras de amor, mas a pressa e o ruído, as ocupações e preocupações impedem-nos muitas vezes de as ouvir e compreender. Procuremos, desde já, desimpedir do terreno do nosso coração tudo o que impeça de deixar frutificar a boa semente da Palavra e do Reino de Deus.

**Ato Penitencial**

P. Senhor, pela vossa Palavra, que nem sequer ouvimos, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, pela profundidade que não temos, no ouvido desafinado do nosso coração, Cristo, tende piedade de nós! R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, pelos cuidados e ruídos deste mundo, que sufocam a Palavra da vossa graça, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória | Oração Coleta**

**Liturgia da Palavra**

Nota:Leitura do Evangelho na forma breve (Mt 13,1-9); omite-se a parte da forma longa sobre a razão pela qual Jesus fala em parábolas (Mt 13,10-17). Depois da Comunhão, poderá ser lida, em jeito de meditação, a parte explicativa da parábola contida na forma longa (Mt 13,18-23).

**+ Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus**

Naquele dia, Jesus saiu de casa e foi sentar-Se à beira-mar.

Reuniu-se à sua volta tão grande multidão

que teve de subir para um barco e sentar-Se,

enquanto a multidão ficava na margem.

Disse muitas coisas em parábolas, nestes termos:

«Saiu o semeador a semear.

Quando semeava, caíram algumas sementes

ao longo do caminho: vieram as aves e comeram-nas.

Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra, e logo nasceram, porque a terra era pouco profunda; mas depois de nascer o sol, queimaram-se e secaram, por não terem raiz.

Outras caíram entre espinhos e os espinhos cresceram e afogaram-nas.

Outras caíram em boa terra e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta por um.

Quem tem ouvidos, oiça».

**Palavra da Salvação.**

**R. Glória a Vós, Senhor!**

**HOMILIA NO XV DOMINGO COMUM A 2023**

1. As coisas não estão a correr bem para Jesus! Alguns desistiram de aprender o caminho, outros mudaram de curso, outros contestam as medidas do programa, outros nada aprenderam do que ouviram! O ministério de Jesus pela Galileia entra *em crise*. Os Doze não percebem por que razão as coisas não vão de *vento em popa*! Entre os seguidores mais próximos e apressados de Jesus começava a nascer o desalento e a desconfiança. *Valia a pena continuar a trabalhar com Jesus?*

2. Todos nós, pais, educadores, professores, formadores, catequistas e pastores, somos, cada qual a seu modo, semeadores, quantas vezes em crise, desapontados pelo insucesso, desconfiados do nosso tamanho esforço, desiludidos com os frutos, desesperados com os resultados que não chegam. Às vezes, culpabilizamo-nos do nosso mau desempenho. E perdemos o alento.

3. Jesus ensina-nos hoje a compreender *a crise* e a conviver com o fracasso, sem perder a esperança. Na verdade, ao ser lançada no coração, a semente é confiada ao percurso vital da liberdade humana e por isso aceita as respostas que o terreno do coração humano dá, e que são frequentemente negativas. No entanto, e em todo o caso, Jesus desafia-nos a semear, sem a pressa, porque o fruto que germina, por fim, em boa terra, compensa a esterilidade dos outros terrenos!

4. Hoje não iria esquadrinhar os quatro terrenos, que são quatro parcelas do nosso coração, mas propor-vos quatro tempos e modos de semear:

4.1. Semear com abundância, sem medo de esbanjar, sem mãos a medir, pois *quem semeia pouco também colherá pouco* (2 Cor.9,6). Jesus semeava a Palavra e gestos de bondade e de misericórdia, até nos ambientes mais impensáveis: entre pecadores públicos e pessoas afastadas da religião. Jesus semeava, com o realismo e a confiança de um lavrador da Galileia. Todos sabiam que a semente se perderia em mais de um local, em terras tão acidentadas. Porém, nenhum lavrador deixava de semear. O importante era a expetativa da colheita final. É preciso continuar a semear, por toda a parte, sem medo de desperdiçar. Não sabemos *onde, em quem, nem quando*, mas o destino da semente é frutificar. Semeemos com generosidade, sem distinção de pessoas, sem olhar à cara, mas ao coração.

4.2. Semear com humildade é acreditar mais na vitalidade e na bondade da própria semente, *que há de produzir o seu efeito* (Is 55,11) do que na capacidade do semeador! O semeador não produz a semente, nem a faz crescer por suas mãos. O semeador, quando muito, pode facilitar o seu crescimento! “Na verdade – disse São Paulo – “*Eu plantei. Apolo regou. Mas foi Deus que fez crescer*” (1 Cor.3,6-7). Os resultados da colheita não são da nossa conta. A pressa e o sucesso imediato não fazem parte da lógica do Reino. O que germina depressa, depressa morre.

4.3. Semear com lágrimas para colher com alegria (cf. Sl 125,5), nem que essa colheita nos esteja reservada apenas para a vida eterna! Jesus, aparentemente, como Mestre, também foi um fracasso! Ficou só. No entanto, dois mil anos depois, como fruto da Cruz, aí está a vida e a fé de cada um de nós! Tenhamos confiança. Semeemos na dor, com amor! Só caindo à terra, como a semente, daremos fruto!

4.4. Semear com confiança, paciência e esperança, deixando a semente crescer, por si só, e a seu tempo, sem pressa, o que nos obriga a esperar até ao fim! Se é *boa* a semente da Palavra que ensinamos, do trabalho que fazemos, do serviço que prestamos… então continuemos a semear, sem a pressa dos resultados! E a semente dará fruto a seu tempo, e, quantas vezes, já depois do nosso tempo!

5. Irmãos e irmãs: na Igreja, não temos por que colher sucessos, conquistar a rua, dominar a sociedade, encher as Igrejas, impor a nossa fé. O que temos é necessidade de discípulos missionários que semeiem, por onde passam, palavras de esperança e gestos de compaixão. E, lançada a semente, não nos agarremos ao chão. Sejamos Igreja em saída, pelas encruzilhadas dos caminhos, a convidar os excluídos! Oh – direis – mas é verão e apetece sentarmo-nos à beira-mar?! Então vamos lá. Também é preciso lavrar o mar! E *quem em julho ara e fia, ouro cria*!

**Oração dos Fiéis**

P. Irmãos: ao nosso Deus que, por onde passa, faz brotar a abundância, nós confiamos os gemidos do seu Povo faminto e das suas criaturas em sofrimento.

1. Pela Igreja de Jesus Cristo: para que, à imagem de Cristo, o Semeador, saiba lançar as sementes da Palavra e do Reino de Deus com abundância, humildade, sofrimento e esperança, sempre e em toda a parte. Oremos, irmãos.
2. Pelos que governam: para que cuidem deste mundo, fazendo dele a Casa Comum, onde todos os filhos de Deus tenham direito a uma terra, a um teto e a um trabalho. Oremos, irmãos.
3. Pelo bom êxito da Jornada Mundial da Juventude: para que ofereça e facilite a todos os participantes a experiência da beleza e da alegria da fé, vividas na comunhão com Cristo e com a Sua Igreja, para a transformação deste mundo. Oremos, irmãos.
4. Por todo os casais [só na Missa das 11h00: especialmente pelos esposos Manuel e Marta]: para que a semente do amor de Deus, derramado em seus corações, cresça e frutifique em gestos de bondade amorosa, de cuidado recíproco, de doação mútua, de confiança paciente. Oremos, irmãos.
5. Por todos nós: para que tenhamos a ousadia de sair de casa e da nossa zona de conforto, para lançar generosamente as sementes do Reino, em todos os que Deus colocar no nosso caminho. Oremos, irmãos.

P. Escutai, Senhor, o gemido das vossas criaturas que esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Fazei que, pela vossa Palavra, o Homem novo dê ao mundo inteiro uma ordem nova. Por N.S.J.C... R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico do Ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Dominical V (A criação) | Oração Eucarística II**

**Pai-Nosso**

P.«Nós que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente esperando a adoção filial». Neste espírito, clamamos: “*Abba*, ó Pai”!

**Comunhão | Cântico de Comunhão | Oração pós-comunhão**

**Leitura depois da comunhão** (cf. Mt 13,18-23)

Diácono (ou leitor / monitor – a partir do ambão)

«Escutai, então, o que significa a parábola do semeador:

Quando um homem ouve a palavra do reino e não a compreende,

vem o Maligno e arrebata o que foi semeado no seu coração.

Este é o que recebeu a semente ao longo do caminho.

Aquele que recebeu a semente em sítios pedregosos

é o que ouve a palavra e a acolhe de momento com alegria,

mas não tem raiz em si mesmo, porque é inconstante,

e, ao chegar a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, sucumbe logo.

Aquele que recebeu a semente entre espinhos

é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo

e a sedução da riqueza sufocam a palavra, que assim não dá fruto.

E aquele que recebeu a palavra em boa terra

é o que ouve a palavra e a compreende.

Esse dá fruto e produz ora cem, ora sessenta, ora trinta por um».

P. (sentado na cadeira):

Perguntemo-nos: *«Como é o nosso coração? Com qual dos terrenos ele se assemelha? A uma estrada? A um terreno pedregoso? A um arbusto»?*

(Silêncio)

E uma vez que também somos semeadores, perguntemo-nos: *«Que tipo de semente sai do nosso coração e da nossa boca? As nossas palavras podem fazer muito bem ou muito mal; podem curar ou ferir; podem animar ou deprimir»!* (Silêncio)

Com o seu exemplo, Maria, nos ensine a acolher a Palavra, a cultivá-la e a fazê-la frutificar em nós e nos outros!

Na Missa das 11h00, os esposos podem fazer esta oração a seguir à comunhão:

Esposo:

Senhor,

Tu lançaste com enorme confiança,

no terreno permeável do nosso coração,

a semente divina da Tua Palavra e do Teu amor.

Esposa:

Obrigada, Senhor,

porque a semente eterna do Teu amor

encontrou em nós a terra boa

que Tu mesmo preparaste.

Esposo:

Senhor,

Tu deste-nos, ao longo do caminho,

dias de sol e de chuva, de calor e de frio,

de nuvens e de luz, de dúvidas e convicções,

que fizeram do teu amor sempre fiel

o pão nosso de cada dia.

Esposa:

Obrigada, Senhor,

porque a semente poderosa do Teu amor

brotou e deu fruto saboroso nas nossas vidas.

Esposo:

Senhor,

nas asperezas do caminho,

cuida e limpa o nosso coração

da dureza das palavras ofensivas,

do pedregulho do nosso orgulho

e dos espinhos das vás seduções.

Esposa:

Obrigada, Senhor,

pela abundância imerecida

do Teu imenso amor em nós

e por nós.

Ambos:

Ámen.

**Ritos Finais**

**Agenda pastoral**

1. Inscrições no 1.º ano da Catequese, ou pela primeira vez, até 31 de julho, presencialmente na Secretaria Paroquial:

**Senhora da Hora:** de segunda a sábado, das 15h00 às 19h00;

**Guifões:** terças, quartas e quintas, das 17h00 às 19h00.

1. Horários das Missas, em julho:

**Senhora da Hora:** terças, quartas, sextas e sábados, às 19h00. Aos domingos, às 11h0o e 19h00.

**Guifões:** na Igreja Matriz: quintas, às 19h00; sábados, às 17h30; na Igreja da Sagrada Família, domingos, às 09h00.

1. No sábado, dia 29 de julho, não há qualquer missa vespertina em Guifões ou na Senhora da Hora. Somos todos convocados para uma mega concelebração, presidida pelo Bispo da nossa Diocese, no Parque da Cidade – Porto, às 11h00 da manhã. Será concelebrada por cerca de bispos e dois mil sacerdotes (da diocese e de grupos vindos do estrangeiro). Somos convidados a levar farnel, para passar lá toda a tarde, em convívio paroquial e diocesano.
2. Sugerimos às famílias, que se disponibilizem para a oferta de um jantar a algum ou alguns dos peregrinos internacionais da JMJ, na última semana de julho (pré-jornadas ou «dias da diocese»). Tornem-se “famílias acolhedoras”, “famílias de repasto”.
3. Durantes estes dias, a terça-feira, dia 25, à noite, será para dar a conhecer a Paróquia e os seus grupos. Na quinta-feira, dia 27 de julho, haverá um “arraial” no Parque das Sete Bicas, promovido pelos Caminheiros do Agrupamento 521. Reservem esta data para jantar lá com os jovens estrangeiros que estão entre nós. Na sexta-feira, à noite, na Cripta, teremos sarau cultural, com Cavaquinhos, Rancho folclórico e Tuna.

**Bênção | Despedida**

Diácono:Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**Cântico Final**

**…………………………….**

**Oração para a Bênção da mesa | XV Domingo Comum A | 16.7.2023**

Deus Pai e Criador,

que, pela luz do Sol

e pela água da chuva,

enches de fertilidade a Terra

e dás a semente ao semeador

e o Pão para comer,

abençoa, na abundância do Teu amor,

esta nossa mesa familiar,

para que saboreemos

e imitemos a tua bondade,

junto dos teus filhos, nossos irmãos.

Por Cristo, Nosso Senhor.

Ámen.

**Outras Homilias**

**XV Domingo Comum A**

**+**

***Lectio Divina***

**Homilia no XV Domingo Comum A 2020 – mais breve**

1. Sentado à beira-mar está Jesus com o Seu olhar contemplativo sobre a Criação: um olhar cheio de atenção, de carinho e de admiração. A partir do livro da Natureza, Jesus ensina a necessária sinergia entre a potência da boa semente (a Palavra divina) e os terrenos diversos (do coração humano) onde a semente pode ou não frutificar. Isaías contemplava a descida e o retorno da água (da chuva e da neve) e comparava-os ao movimento da Palavra divina, que primeiro desce do alto e ressoa no coração humano e logo depois retorna às alturas, sob a forma de oração ao Senhor. Também o apóstolo Paulo nos fala das criaturas que sofrem ainda as dores da evolução e gemem por causa dos abusos indescritíveis das nossas mãos desumanas. Por isso, as criaturas anseiam pela gloriosa liberdade dos filhos de Deus. É nossa vocação sermos guardiães da obra de Deus (cf. LS 217), para que a Terra, nossa Casa comum, seja o que Deus sonhou ao criá-la e corresponda ao seu projeto de paz, de beleza e de plenitude (cf. LS 53). Realmente a Natureza, na sua harmonia, está cheia de palavras de amor, mas a pressa e o ruído impedem-nos muitas vezes de as ouvir e compreender (cf. LS 225).

2. Irmãos e irmãs: os meses de julho e de agosto, o tempo de férias e de descanso, proporcionam-nos a experiência de um contacto gratuito, gozoso e harmonioso com a Natureza. Deixo cinco sugestões simples para um novo estilo de vida, para uma verdadeira aliança de paz entre a humanidade e o ambiente:

3.1.*Primeira:*cuidemos de pequenas ações diárias, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias, reutilizar em vez de desperdiçar (cf. LS 211).

3.2. *Segunda:* regressemos a uma vida mais simples e mais sóbria, que se alegra com pouco e não está obcecada pelo consumo (cf. LS 222; 27) pois, quanto menos coisas estão à nossa mesa, tanto mais e melhor as poderemos saborear (cf. LS 222).

3.3. *Terceira:* cultivemos o sentido da gratidão e da admiração, do maravilhamento e da contemplação, diante da beleza e da harmonia da Criação, através de um olhar contemplativo e não possessivo, orante e não evasivo.

3.4.*Quarta:*façamos a oração de bênção antes e/ou no final das refeições, pelo menos, aos domingos, no almoço, em família**.** A bênção da mesa recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da Criação, dá graças por aqueles que, com o seu trabalho, fornecem os bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados (cf. LS 227).

3.5.*Por último*, vivamos o descanso dominical como repouso gratificante e agradecido, reparador das forças e restaurador das nossas relações com Deus, com os outros e com a Criação. Participemos na Eucaristia que, de certo modo,é sempre celebrada *sobre o altar do mundo*. Ela une o Céu e a Terra, abraça e penetra toda a Criação. Assim, o dia de descanso, centrado na Eucaristia, difundirá a sua luz e a sua paz sobre a semana inteira e dar-nos-á novo alento para cuidar da nossa Casa comum e servir os pobres (cf. LS 237). **Rezemos para que os católicos ponham no centro da vida a celebração da Eucaristia, que transforma em profundidade as relações humanas e dispõe ao encontro com Deus e com os irmãos.**

Irmão, irmã: se queres cuidar da Criação e fazer dela a *Terra boa*, cuida primeiro da limpeza do teu coração, para que ele se torne essa *boa terra*, que dará frutos de alegria e de harmonia, de liberdade e de paz, para o bem de todos os que habitamos a nossa Casa comum!

**Homilia no XV Domingo Comum A 2020**

1. Sentado à beira-mar está Jesus com o Seu olhar contemplativo sobre a Criação: um olhar cheio de atenção, de carinho e de admiração. A partir do livro da Natureza, Jesus ensina a necessária sinergia entre a potência da boa semente (a Palavra divina) e os terrenos diversos (do coração humano) onde a semente pode ou não frutificar. Isaías contemplava a descida e o retorno da água (da chuva e da neve) e comparava-os ao movimento da Palavra divina, que primeiro desce do alto e ressoa no coração humano e logo depois retorna às alturas, sob a forma de oração ao Senhor. Também o apóstolo Paulo fixa os seus olhos na Criação inteira. Ele fala-nos das criaturas que sofrem ainda as dores da evolução e gemem por causa dos abusos indescritíveis das nossas mãos desumanas. Por isso, as criaturas anseiam pela gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Só os filhos de Deus saberão viver como irmãos e cuidar do mundo com as mãos benignas e agradecidas de um jardineiro e não com as mãos assassinas dos corruptos e abusadores.

2. Realmente a Natureza, na sua harmonia, está cheia de palavras de amor, mas a pressa e o ruído impedem-nos muitas vezes de as ouvir e compreender (cf. LS 225). A mesma Natureza, na sua agonia, vítima espezinhada de tantos abusos, está hoje a gritar por uma mudança radical do comportamento humano. Nunca maltratámos e ferimos a Terra como nos últimos dois séculos.A trágica pandemia do coronavírus veio mostrar que a Natureza não perdoa e que temos, por isso, de crescer na consciência do cuidado pela Criação. É nossa vocação sermos guardiães da obra de Deus (cf. LS 217), para que a Terra, nossa Casa comum, seja o que Deus sonhou ao criá-la e corresponda ao seu projeto de paz, de beleza e de plenitude (cf. LS 53).

3. Irmãos e irmãs: os meses de julho e de agosto, o tempo de férias e de descanso, proporcionam-nos a experiência de um contacto gratuito, gozoso e harmonioso com a Natureza. Deixo cinco sugestões simples para um novo estilo de vida, para uma verdadeira aliança de paz entre a humanidade e o ambiente:

3.1.*Primeira:*cuidemos de pequenas ações diárias, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias, reutilizar em vez de desperdiçar (cf. LS 211).

3.2. *Segunda:* regressemos a uma vida mais simples e mais sóbria, que se alegra com pouco e não está obcecada pelo consumo (cf. LS 222; 27) pois, quanto menos coisas estão à nossa mesa, tanto mais e melhor as poderemos saborear (cf. LS 222).

3.3. *Terceira:* cultivemos o sentido da gratidão e da admiração, do maravilhamento e da contemplação, diante da beleza e da harmonia da Criação, através de um olhar contemplativo e não possessivo, orante e não evasivo.

3.4.*Quarta:*façamos a oração de bênção antes e/ou no final das refeições, pelo menos, aos domingos, no almoço, em família**.** A bênção da mesa recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da Criação, dá graças por aqueles que, com o seu trabalho, fornecem os bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados (cf. LS 227).

3.5.*Por último*, vivamos o descanso dominical como repouso gratificante e agradecido, reparador das forças e restaurador das nossas relações com Deus, com os outros e com a Criação. Participemos na Eucaristia que, de certo modo,é sempre celebrada *sobre o altar do mundo*. Ela une o Céu e a Terra, abraça e penetra toda a Criação. Assim, o dia de descanso, centrado na Eucaristia, difundirá a sua luz e a sua paz sobre a semana inteira e dar-nos-á novo alento para cuidar da nossa Casa comum e servir os pobres (cf. LS 237).

Irmão, irmã: se queres cuidar da Criação e fazer dela a *Terra boa*, cuida primeiro da limpeza do teu coração, para que ele se torne essa *boa terra*, que dará frutos de alegria e de harmonia, de liberdade e de paz, para o bem de todos os que habitamos a nossa Casa comum!

**Homilia no XV Domingo Comum A 2017**

Antes ainda da parábola, está Jesus que *saiu de casa e foi sentar-Se à beira-mar*. Sentando num barco, fala para a multidão, que ficara na margem do lago. Curiosamente, Jesus não recorre à imagem do mar, do vento, da vela e do barco. Mas, dentro do barco, olha para mais longe, para os campos de trigo. E observa um semeador! E na largueza confiante do semeador, ajuda-nos a entender a generosidade esperançosa do nosso Deus para connosco. Mãos largas, mãos abertas, um Deus sem mãos a medir. Ele sai por todo o lado e, em todos os lados, lança a poderosa semente, como se em cada um encontrasse um torrão de terra boa, onde possa fazer germinar, florescer e frutificar a Palavra de Deus. Se não vier a frutificar, não é porque a semente não preste, mas porque o terreno onde ela cai é terra batida, ou terra de pedras e seixos, ou terra de espinheiros cultivados no coração. Mas ainda assim, não é *nos terrenos áridos e inférteis* que Jesus põe o acento da parábola. Mas na certeza do poder da semente e na esperança de encontrar em mim *a boa terra*. Ele é um Deus que sai pelas estradas do mundo, cheio de confiança na força da semente e na bondade daquele punhado de terra que sou eu, que és tu, que é o outro. Contra todas as sarças e espinheiros, contra todas as pedras e caminhos, Deus vê sempre em mim, em ti, e no outro, uma terra capaz de acolher. Deus sabe que, por três vezes, por infinitas vezes, sou terra que não dá nada. E, na sua paciência, adverte para a ilusão daquelas sementes que “*logo nasceram*” e ainda mais “*depressa morreram*”. Mas Ele espera o tempo que for preciso. E basta que, por uma vez, se Lhe abra o nosso coração e então Ele frutificará em mim, em ti, no outro, *a trinta, a sessenta e a cem por um*. A este Deus, primavera do Universo, ofereçamos o terreno do coração, para nos tornarmos “*o verão do mundo*”, que leva à maturação das sementes. Para que o outono chegue, lá para meados de setembro, carregado de frutos!

**Leitura depois da Comunhão (cf. *Mt* 13,18-23)**

Diácono (ou leitor / monitor – a partir do ambão)

«Escutai, então, o que significa a parábola do semeador:

Quando um homem ouve a palavra do reino e não a compreende,

vem o Maligno e arrebata o que foi semeado no seu coração.

Este é o que recebeu a semente ao longo do caminho.

Aquele que recebeu a semente em sítios pedregosos

é o que ouve a palavra e a acolhe de momento com alegria,

mas não tem raiz em si mesmo, porque é inconstante,

e, ao chegar a tribulação ou a perseguição

por causa da palavra, sucumbe logo.

Aquele que recebeu a semente entre espinhos

é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo

e a sedução da riqueza sufocam a palavra, que assim não dá fruto.

E aquele que recebeu a palavra em boa terra

é o que ouve a palavra e a compreende.

Esse dá fruto e produz ora cem,

ora sessenta, ora trinta por um».

P. (sentado na cadeira): Perguntemo-nos: «*Como é o nosso coração? Com qual dos terrenos ele se assemelha? A uma estrada? A um terreno pedregoso? A um arbusto»?* (Silêncio) E uma vez que também somos semeadores, perguntemo-nos: «*Que tipo de semente sai do nosso coração e da nossa boca? As nossas palavras podem fazer muito bem ou muito mal; podem curar ou ferir; podem animar ou deprimir»!* (Silêncio) Com o seu exemplo, Nossa Senhora nos ensine a acolher a Palavra, a cultivá-la e a fazê-la frutificar em nós e nos outros!

**HOMILIA NO XV DOMINGO COMUM A 2014**

**1**. Na pauta dos resultados finais, a nota de Jesus não é brilhante! Não foi fácil, para Jesus, levar por diante o seu projeto. Rapidamente se deparou com a crítica e a rejeição. A sua Palavra não tinha o acolhimento que se esperava. Entre os seguidores mais próximos começava a nascer o desalento e a desconfiança. *Valia a pena continuar a trabalhar com Jesus?* Jesus disse-lhes o que pensava. Contou-lhes a parábola de um semeador, para lhes fazer ver o realismo generoso, com que trabalhava, e a fé inquebrantável que o animava!

**2.** Assim era Jesus. Assim fez Jesus. Semeava gestos de bondade e de misericórdia, até nos ambientes mais impensáveis: entre pecadores públicos e pessoas afastadas da religião. Jesus semeava, com o realismo e a confiança, de um lavrador da Galileia. Todos sabiam que a semente se perderia em mais de um local, em terras tão acidentadas. Mas isso não desanimava ninguém: nenhum lavrador deixava de semear. O importante era a colheita final. Algo semelhante acontece no reino de Deus. Não faltam obstáculos, mas a força de Deus dará os seus frutos. Seria absurdo deixar de semear! Não se pode ceder ao desalento. É preciso continuar a semear, sem medo de desperdiçar. Não sabemos onde, nem quando, mas o destino da semente é frutificar.

**3.** Na Igreja de Jesus não temos que colher sucessos, conquistar a rua, dominar a sociedade, encher as Igrejas, impor a nossa fé. O que temos necessidade é de semeadores. Discípulos missionários que semeiem, por onde passam, palavras de esperança e gestos de compaixão. E, lançada a semente, não nos agarremos ao chão. Sejamos *Igreja em saída*, pelas encruzilhadas dos caminhos, a convidar os excluídos! Oh, mas é verão e apetece mais sentarmo-nos à beira-mar?! Então vamos lá. É preciso *lavrar o mar*! E “*quem em julho ara e fia, ouro cria*”!

**HOMILIA NO XV DOMINGO COMUM A 2011**

*Jesus saiu de casa e foi sentar-se à beira-mar! (Mt.13,1)*

O Semeador, que saíra a semear, parece agora pouco preocupado com o resultado da colheita! Semeou, na larga confiança da força vital da semente! E agora, livre de qualquer ânsia, por pesar os resultados, sai de novo. Desta feita, - diz o texto, a abrir o Discurso em parábolas - “*Jesus saiu de casa e foi sentar-se à beira mar*” (Mt.13,1). Deixemos para Jesus, a explicação que Ele próprio oferece da parábola, e detenhamo-nos apenas neste belo pormenor da cena, com que São Mateus a enquadra.

*Jesus saiu de casa e foi sentar-se à beira-mar!*

Jesus parece sem programa, para cumprir! Sem qualquer compromisso particular. Senta-se a contemplar o panorama do lago, que lhe era familiar! Num momento de distensão, nas margens do lago, Jesus simplesmente louvará o Pai, por aquela maravilha, obra das suas mãos. Ou simplesmente deixará que os seus olhos se encham com a beleza que o rodeia, permanecendo ali em silêncio! Surpreendentemente a sua pregação, improvisada à beira-mar, parte de imagens da vida agrícola, talvez captadas por ele, na manhã daquele dia, antes ainda que a sua solidão contemplativa, fosse interrompida pela multidão que dele se aproxima!

*Jesus saiu de casa!*

E nós também sentimos o apelo da partida, da mudança, de sair uns dias, para fora do lugar do costume! Afinal, porque é que as pessoas, se deslocam em vez de ficarem quietas? Esta pergunta reconduz-nos ao centro do mistério do nosso próprio ser. De facto, as nossas viagens nunca são apenas exteriores. Não é simplesmente, na cartografia do mundo, que o homem viaja. Nesta inquietação, que se apodera de nós, sobretudo nos meses de verão, move-se afinal esse desejo tão humano, de mais, de ir mais longe!

Deslocar-se implica, de facto, uma mudança de posição, uma maturação do olhar, uma abertura ao novo, uma adaptação a realidades e linguagens, um confronto, um diálogo tenso ou deslumbrado, que deixa necessariamente na alma impressões muito fundas! A experiência da viagem é a experiência da fronteira e do aberto, de que cada pessoa precisa para ser ela própria. É a nossa consciência que deambula, descobre cada detalhe do mundo e olha tudo de novo, como da primeira vez. A viagem é uma espécie de propulsor deste olhar novo! Na verdade, mais do que geógrafos ou viajantes, somos peregrinos. E, para nós, esta peregrinação não tem propriamente um fim. Tem uma extraordinária finalidade: a do encontro com Cristo, que até pode ser junto ao mar!

*Foi sentar-se à beira-mar!*

Milhões de pessoas repetem, no verão, este gesto de Jesus! Eu acredito que tal como os outros gestos de Jesus, nesse também há um significado libertador. Há uma liberdade, que o vento fresco do mar arrasta para o nosso coração! Somos habitados por uma fome de vastidão, de silêncio e de beleza que a contemplação do oceano consola. Porque, como escrevia Fernando Pessoa, “somos da altura que vemos e não simplesmente da nossa altura”.

Querido irmão, querida irmã: Saindo de casa, sentado (a) à beira mar, ou mesmo na soleira da porta, deixa que Deus venha ao teu encontro e te contemple! Deixa que em silêncio, Ele reze o que tu és! Deixa-te tocar, nem que seja um frágil minuto, diante da Sua imensidão! E a semente do Reino crescerá no teu coração!

Homilia inspirada em textos de JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, *Um Deus que dança*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga 2011, 108; IDEM, *O tesouro escondido*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2011, 107-108.

**Homilia no XV Domingo Comum A 2008**

*“Toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade”! (Rom.8,22)*

1. A vida, do nascer ao morrer, é um parto doloroso. São tão pesados os sofrimentos do tempo presente! De repente, a súbita doença de um amigo, e nem queremos acreditar! Por quê a ele? Ou, por que não a mim? O cancro alastra, sem dó nem piedade, escolhendo sem critérios de justiça, as suas vítimas; estende as suas metástases terríveis, sobre amigos e inimigos, bons e maus. Dizem que muito disto é um mal genético e que pagamos assim o preço de uma *natureza decaída*! Dizem outros, entendidos, que é do que comemos, cuja higiene e qualidade não controlamos. Dizem também os especialistas da mente que é do stress, em que vivemos, dessa carga a mais, que suportamos, até rebentar, com todas as nossas defesas e resistências! E não escapa no rol dos culpados a poluição variada que nos envenena aos poucos, sem quase nos darmos conta. Numa palavra, dá a impressão que todos os nossos abusos, sobre a fortíssima natureza, que nos rodeia, acabam sempre por fazer ninho e ricochete, nesta fragilíssima natureza humana, que somos.

2. O homem, desequilibrado na sua relação com Deus, parece ter inquinado o mundo; e o mundo “*doente*” parece contaminar a própria Humanidade. Deixámos de guardar e a cultivar a Criação, como um jardim, e virámos tudo do avesso, como se a lei da natureza não nos merecesse respeito algum! Vai daí, gemem as pessoas doentes, no desespero da doença injusta; sofrem os mais próximos, na impotência da ajuda e da cura. O próprio Planeta dá sinais de mal-estar, com febre e temperaturas, muito acima ou bem abaixo do que seria naturalmente esperado. Diante destas múltiplas formas de abuso da Terra, ouvimos e sentimos aquilo que São Paulo definia como que “*o gemido da criação*” (cf. Rom. 8, 22). E, por isso, também a Criação, e não só cada pessoa humana, espera ansiosamente “*a gloriosa liberdade dos filhos de Deus*” (Rom.8,21)!

3. Nesta dor e nesta esperança, de cura ou de libertação definitiva, São Paulo não teme associar “*os sofrimentos do tempo presente*” e os “*gemidos da criação inteira*”, como se uns e outros, tivessem a mesma raiz, no pecado do homem. De facto, “*os desertos exteriores multiplicam-se no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos*” (Bento XVI). Quer a criação inteira, quer cada criatura humana, *sujeitas à vã situação do mundo*, esperam ansiosamente, do Espírito Santo, a mesma libertação! Mas, se o estado atual da Terra é fruto da desordem interior do coração humano, se é fruto do «pecado», (do egoísmo, da posse injusta, da destemperança no uso e abuso das coisas), então uma nova criação, só será alcançada com “*o parto*” doloroso e o nascimento do homem novo. Do Homem novo, dependem o futuro da Terra e a Terra do futuro, a saúde do corpo e a vida da alma!

4. O Tempo de verão ajudar-nos-á a descobrir, sem presa e sem pressa, a terra, o sol, o monte, a luz, o mar. Podemos e devemos também aproveitar o «espaço verde» ou «azul» para “recriar” a nossa vida interior, limpá-la das «*escórias*» que se acumulam, com o vício e a rotina do tempo. A não ser eliminadas, sufocam e contaminam a circulação da vida de Deus em nós!

5. Meus caros irmãos e irmãs:

No Evangelho, Jesus revelava-se um apreciador nato da Natureza! Quantos mistérios da vida de Deus em nós e da nossa vida em Deus, não poderíamos aprender a desvendar, nesse *magnífico livro da Natureza*?! O contacto mais assíduo e generoso com ela, nos predisponha a fazer do coração a «*boa terra*» onde a Palavra de Deus germine e dê muito fruto! Renovados pelo Espírito, tornemo-nos novas criaturas! Em dor e esperança, dêmos à luz a nova criação!

Homilia no XV Domingo Comum A 2005

1. O Mestre por excelência tem discípulos, com nota negativa! Alguns desistiram de aprender o caminho, outros mudaram de curso, outros contestam as medidas do programa, outros nada aprenderam do que ouviram! O ministério do ensinamento de Jesus, pela Galileia e em casa, entra *em crise*. Os Doze não percebem, por que é que as coisas não vão de *vento em popa*, porque é que a Mensagem não passa, se é Ele afinal o Messias e Doutor (Mt.23,10)! Há, por ali, um clima de pessimismo, de desilusão, um sentimento de amargura, de frustração, por tão baixos «*índices de produtividade*”, na sua terra, face a um investimento tão generoso, por parte de Jesus, na sua larga sementeira da Palavra!

2. Jesus inventa uma explicação para *a crise* e, de certo modo, semeia a confiança, onde já mina e campeia o desencanto. Pelas parábolas, de modo muito simples, o Mestre faz-nos perceber que a própria Palavra de Deus, viva e eficaz, por Ele muito e bem semeada, está sujeita às condições do terreno, está sujeita “*à vã situação do mundo*” (Rom8,20), com as suas oposições e contradições. Na verdade, ao ser lançada no coração do Homem, a semente é confiada ao percurso vital da liberdade humana, aceita as respostas que o terreno humano dá, e que frequentemente são negativas. O dom de Deus torna-se então responsabilidade do Homem.

3. Ao Semeador, compete, ainda e sempre, semear com confiança, deixando a semente crescer, por si só, e a seu tempo. Semear com largueza e abundância, sem medo de esbanjar, sem mãos a medir, pois “*quem semeia pouco também colherá pouco”* (II Cor.9,6). De resto, importa acreditar mais na *vitalidade e na bondade* da própria semente, «*que há de produzir o seu efeito*» (Is.55,11) do que na capacidade do semeador! Ele não produz a Semente, nem a faz crescer por suas mãos. O Semeador, quando muito, pode facilitar o seu crescimento. Mas com toda a paciência e com todo o tempo do mundo. Porque pode bem ser que a semente permaneça *escondida* por muito tempo, em terra árida, em *fermentação*, mas sairá daí, um dia, vitoriosa, dando muito fruto!

4. Caríssimos irmãos e irmãs: todos nós, pais, educadores, professores, formadores, catequistas e pastores, somos, cada qual a seu modo, semeadores, quantas vezes, *em crise*, desapontados pelo insucesso, desconfiados do nosso tamanho esforço, desiludidos com os frutos, desesperados com os resultados. Às vezes, culpabilizamo-nos demasiado do nosso mau desempenho, de não sermos bons pais, bons professores, bons educadores, bons catequistas ou pastores. Precisamos, todavia, de outra humildade, que é aquela de aceitarmos que o *fruto* da nossa sementeira, depende mais da *qualidade da boa semente* e da *liberdade do coração daqueles onde a semeamos*, do que da nossa *habilidade a semear*! “Na verdade – disse São Paulo – “*Eu plantei. Apolo regou. Mas foi Deus que fez crescer. Nem o que planta nem o que rega, são coisa alguma. Deus, que faz crescer, é que verdadeiramente conta*” (I Cor.3,6-7).

5. Se é “*boa*” a semente da Palavra que ensinamos, do trabalho que fazemos, do serviço que prestamos… se distribuímos com largueza “*sementes de bem e de verdade*” então continuemos a semear, com confiança! E a Semente dará fruto a seu tempo!

6. Caríssimos: acontecerá, - no final de um ano letivo, senão, para alguns, de uma vida, ou mesmo durante toda a vida - sofrermos e “*gemermos interiormente*” (Rom.8,23), pelo resultado do nosso esforço, que afinal nos parece(u) *estéril*. Também aqui, é preciso “*sofrer em esperança*”, acreditar no valor e na eficácia deste mesmo *sofrimento*. “*Se o grão de trigo lançado à terra não morrer, fica só, mas se morrer, dará muito fruto*” (Jo.12,24). Jesus, aparentemente, como Mestre, também foi um fracasso! Ficou só. No entanto, dois mil anos depois, como fruto da Cruz, aí está a vida e a fé de cada um de nós!

7. Quantas vezes, caríssimos irmãos, teremos de aprender a “*semear com lágrimas, para colher com alegria*” (Sal.125,5), nem que essa colheita, nos esteja reservada para a vida eterna! Ora *«eu penso que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação, com a glória que se há de manifestar em nós»* (Rom.8,18)*.* E “*a glória do Pai, é que deis muito fruto*” (Jo.15,8): ora cem ora sessenta ora trinta por um! Tende confiança. Semeai na dor, com amor, na abundância!

Homilia no XV Domingo Comum A 2002

Um Semeador, muita Semente e quatro terrenos.

Primeiro, claro está, **o Semeador**. Destemido, generoso, semeia a torto e a direito. É um “mãos largas”, sem vistas curtas, e por isso incapaz de apartar ou de medir terrenos. Ele semeia com largueza e na certeza de que a semente é boa, e dará fruto a seu tempo.

Logo depois, vem **a semente,** verdadeira razão de ser do labor ativo do Semeador. Em cada semente – ele sabe-o bem - está a força e a promessa de uma vida nova por despontar, o segredo de um rebento chamado a crescer, a seiva de um ramo destinado a florescer, toda a potência de uma árvore, pronta a frutificar. O Semeador conhece o poder da semente. E não se nega a deixá-la cair, aqui e além, pelo caminho, entre pedras e espinhos. Quem sabe afinal, com certeza matemática, onde está a terra boa? Por isso, o Semeador não se ilude com terrenos vistosos, e deixa escapar-lhe das mãos a semente. “Por mais, não perde”, pensará ele.

Sabemos agora que o Semeador sai de casa, com boa semente na mão. Isso é certo, seguro e sabido. A diferença está no fruto... ou, antes disso ainda, no terreno, que é cada um de nós. A questão dos **terrenos** vem, por isso, em último lugar, mas tem importância decisiva. Quatro terrenos, que são como que quatro cantos ou recantos do nosso coração humano. Deixo para Jesus a explicação da parábola, que se segue ao texto que acabámos precisamente de ouvir. E dou a Palavra ao Mestre:

1. *Quando um homem ouve a palavra do reino e não a guarda, vem o Maligno e arrebata o que foi semeado no seu coração. Este é o que recebeu a semente ao longo do caminho.* (A palavra entrou por um ouvido e saiu por outro, diríamos nós!)

2. *Aquele que recebeu a semente em sítios pedregosos é o que ouve a palavra e a acolhe de momento, mas não tem raiz em si mesmo, porque é inconstante, e, ao chegar a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, logo sucumbe.* (A Palavra não resistiu à prova de fogo... fogo de vista, está visto...!)

3. Aquele que recebeu a semente entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo e a sedução da riqueza sufocam a palavra, que assim não dá fruto. (Nada mais comum, num tempo como o nosso em que temos mais que fazer do que perder tempo a ouvir e a incomodar!)

4. E aquele que recebeu a palavra em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende, (a cumpre). Esse dá fruto. Produz ora cem, ora sessenta, ora trinta por um.

Está feita a avaliação dos terrenos. O resto sabemo-lo de cor e salteado e até muitas vezes aqui cantado. “*O Semeador é Cristo. A Semente é a Palavra de Deus. Quem a acolhe no coração dará fruto e terá a vida*”.

## Homilia no XV Domingo Comum A 1999

Chamam-lhe a parábola do Semeador. Para mim, é mais a parábola dos terrenos. Ou das terras. Das terras por rasgar, dos terrenos agrestes, dos campos a monte, e da boa terra. Cai a semente em toda a parte. Sempre, a boa semente e sempre o Bom Semeador. A diferença está na terra, está no ventre, está no berço, e, podia dizer, está «na fruta»... está no coração de cada um de nós onde a semente cai, cresce e frutifica..

Esse terreno, à beira do caminho, onde a semente, comida pelas aves, nem chega a despontar, é bem o espaço deste tempo em que a sensualidade e a dissipação nem sequer permitem começar um caminho de discernimento, de busca, de exigência. Outras vezes as resistências são mais subtis: *não posso, não sirvo, tenho medo de que me peçam muito, os meus defeitos são grandes, tenho pouca fé para isto...* E a semente nem chega a despontar.

Mas será mais comum encontrar um terreno pedregoso, onde falta o húmus e a profundidade. Há até um desejo de avançar, de escalar a montanha, de ir mais adiante, de corresponder. Mas os desânimos, *as mudanças que não consigo fazer, a sensação de que isto já não me diz nada, a sensação perigosa do vazio*, embotam a sensibilidade. E as provações que indiciavam um caminho verdadeiro e deviam conduzir a pessoa a um aconselhamento, a uma conversão firme, fazem desistir, com medo de um futuro obscuro.

E há os espinhos. Como na rosa e em todos os sítios. Tudo vai bem até ao momento em que o afã do mundo, o "tenho muito que fazer", a dispersão dos sentidos, a desordem dos pensamentos, as fantasias da mente, a ansiedade do coração, «sufocam» o crescimento da semente. E essa experiência, que requer o controle dos sentidos, bem podia ser um desafio a viver o momento presente como uma graça enorme. E acaba por tornar-se uma carga, que então e depressa queremos alijar das costas. Mas há os da boa terra. Até há no terreno da diocese, dezasseis jovens que ouviram e compreenderam que a tarefa do Semeador era para eles. Acolheram com alegria, deixaram-se seduzir pelo Eterno. Deram e darão muito fruto! Que há no terreno desta paróquia que não há meio de a semente frutificar?...

## Homilia no XV Domingo Comum A 1996 \*

Saiu o Semeador a semear... A parábola é um vivíssimo quadro descritivo dos mais profundos esconderijos da alma humana. São quatro os terrenos onde cai a semente lançada com abundância. E seria bom que nos retratássemos em algum...

1. Ele há homens que são como um caminho de terra batida, homens calcados pela vida, homens que, entre desconfianças, já não se abrem a nada. São pessoas a quem a dor e os anos endureceram, em vez de as fecundar, pessoas de *arribação*, pessoas amarguradas e ressentidas. É em vão que a semente da Palavra de Deus cai nelas. Porque nem sequer a ouvem. Nem a querem mesmo ouvir! E sem ouvidos, a Palavra de Deus morre à nascença*! Virão as aves do céu, virá o vento e arrebatará a semente* e, com ela, a esperança de que à beira desse caminho frutifique coisa alguma...

2. Outros são como terreno pedregoso. Sobre as pedras ou a rocha cresceu uma enganadora capa de terra. Julga o lavrador que ali a semente frutificará. E, efetivamente, com as primeiras chuvas e o orvalho, brotará uma haste verde. Mas, ao primeiro raio de sol, a haste torna-se amarela primeiro, e depois morre: não tem raízes suficientes. São muitos os homens que têm mais pedra do que terra na alma. São apaixonados, idealistas, ardentes, entusiastas. Recebem com satisfação qualquer ideia nova. São pessoas *abertas*, fáceis à entrega, até se diria *generosas*. Mas logo se vê que a sua pedra é fonte de dureza e não de solidez. A vida os traz e os leva. E qualquer nova ideia seca a anterior. Gostam de provar tudo e morrer por nada*. Fogo de vista*... *Sobrevém a tribulação ou a perseguição por causa da palavra e logo sucumbem...*

3. Outros têm a alma construída de boa terra. Terra que seria fecunda...se não estivesse cheia de espinhos. Pessoas com a alma cheia de força e até de valores, mas comidas pelo amor aos negócios, pelo prazer, pela falta de tempo, pelas preocupações do mundo, pelas ilusões da riqueza. Nestes a semente brota, e até se diria que pujante. Mas logo é asfixiada pelos espinhos. Pois a Palavra de Deus só cresce na grande soledade daqueles que souberam limpar a sua alma de sujas aderências.

4. Há, por último, almas que são de boa terra. Neles a Palavra de Deus cresce e frutifica, multiplica-se e aprofunda-se. Mas até na terra boa há diferenças de fecundidade. Uns produzem trinta por um, outros *cinquenta* e alguns até chegam aos *cem por um*. Não serão muitos. Mas não faltarão. E serão os santos.

Os frutos desta boa terra serão a desforra do Semeador. É afinal Ele, o semeador, o centro da parábola. Semeia com abundância. Espera com confiança. Colhe com largueza. Só assim o celeiro de Deus será grande. E todos os que frutificaram terão cabimento nele. Porque o Reino de Deus é um Reino de Vivos, um reino de fecundos, um reino de almas postas de pé!...

\*texto adaptado a partir de J.L.M. DESCALZO, *Vida e Mistério de Jesus de Nazaré*, II, Ed. Cucujães, 309-311

**Sermão na Festa de Santa Marinha**

**XV Domingo Comum A**

***“Toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade”!*** *(Rom.8,22)*

**1.** A vida, do nascer ao morrer, é um parto doloroso! São tão pesados os sofrimentos do tempo presente! De repente, a súbita doença de um amigo, e nem queremos acreditar! Por quê a ele? Ou, por que não a mim? O cancro alastra, sem dó nem piedade, escolhendo sem critérios de justiça, as suas vítimas. Dizem que muito disto é um mal genético e que pagamos assim o preço de uma *natureza decaída*, *desordenada, poluída*! Dá a impressão que todos os *nossos abusos*, sobre a fortíssima Natureza, que nos rodeia, acabam sempre por fazer ninho e ricochete, nesta fragilíssima natureza humana, que somos.

Diante destas múltiplas formas de abuso da Terra e de desprezo da vida, ouvimos e sentimos aquilo que São Paulo definia como que “*o gemido da criação*” (cf. Rom. 8, 22). E, por isso, também a Criação, isto é a Natureza, o nosso mundo, e não apenas cada pessoa humana, esperam ansiosamente “*a gloriosa liberdade dos filhos de Deus*” (Rom.8,21)! Esperam libertar-se do que pecado humano, que escraviza a vida do homem e a vida do mundo. Temos esta confiança; uma nova criação, um mundo novo, só será alcançada com “*o parto*” do homem novo.

**2.** Todavia esta espera ansiosa e dolorosa, por um mundo novo, é semelhante à de uma mulher que espera por dar à luz uma nova criatura. Nela, a vida é sempre mistério de esperança e de dor; dor para quem dá à luz, dor para quem nasce, vive e cresce! Não há, pois, vida nova, sem sofrimento! Não há, no amor, vida nova, sem dor. Cada um de nós, nasce para renascer. Vive, para continuamente dar a vida, para viver e fazer viver. Morre, dando a vida, para a encontrar. A aventura maravilhosa da vida, comporta, por isso, este «parto» contínuo, este esforço doloroso, por nascer e renascer, por dar a vida e viver, por crescer, morrer e ressuscitar. A vida, enquanto processo de dor e de amor, cumpre-se, cada dia, como um verdadeiro martírio; é sempre vida por vida!

**3.** Deste «parto» doloroso, que é a nossa vida, desde o nascer ao morrer, dá-nos testemunho eloquente a nossa santa padroeira, Santa Marinha, por sinal, filha de um parto de nove meninas gémeas! Cálcia, sua mãe, ficou atemorizada, e dominada pela superstição, e pelos preconceitos terríveis daqueles tempos, que viam nesse parto tão generoso, não uma bênção mas uma maldição, não uma maravilha, mas um horror! Temendo a indignação do marido, Cálcia, a mãe, intentou desfazer-se das crianças. Diz a história que a mãe, chamou então a criada Cita, que a assistia, e encarregou-a de afogar as meninas no Rio. Cita, que era cristã, compadeceu-se das inocentes crianças, e resolveu salvá-las; e pela calada da noite levou-as a Santo Ovídio, na altura Arcebispo de Braga, que as batizou. Mais tarde, serão, por algum tempo, poupadas ao martírio, por causa das suas origens nobres; mas depressa darão a vida, para não renegar a sua fé! Santa Marinha, como as irmãs, são verdadeiramente mártires, por causa da vida e pela causa da vida. Tantas vidas indesejadas, que afinal se tornaram vidas cristãs, testemunhas da vida de Deus! Elas são mártires, não por tirarem a vida a quem quer que seja; dão a sua vida, para não perder jamais a vida recebida.

**4.** Meus irmãos e irmãs: a causa da vida, continua a ser a grande paixão da Igreja e o martírio mais exigente do nosso tempo! Ainda hoje, há verdadeiras e santas mulheres, como aquela criada, dispostas a mostrar ao mundo, o valor inestimável da vida, e a não se deixar horrorizar pelo número de filhos. Lembrei-me da história de Santa Marinha, ao ler o testemunho de uma mãe e jornalista, que se preparava para o dar à luz o terceiro filho (Sónia Morais Santos, In Corta-Fitas). Vale a pena, retomar aqui uma boa parte das suas palavras. Dizia aquela mãe:

«Quando, nas últimas semanas, disse a três pessoas distintas que até gostaria de ir ao terceiro filho, fui surpreendida por uma reação chocada, transida, quase de nojo até: "*Outro?! Credo!!!* E tinhas outro filho para quê?"».

E responde a própria: «Já tenho dois filhos e não sei dizer com segurança porque é que gostava de ter mais um. Eles tomam-me muito tempo, dão-me muito que fazer, fazem demasiado barulho, portam-se consideravelmente mal, riscam-me o sofá, moem-me a paciência. Mas são a minha melhor obra, e se calhar sou do género artista insatisfeito».

Bem interessante é a descrição que faz da mulher, que lhe fizera tal observação: «Uma das pessoas, que me deitou esse olhar, é uma grande amiga. Moderna, culta, inteligentíssima. Com ela, nunca posso falar dos meus filhos. Sinto-me uma sopeira. Depois de lhe dizer à mesa do restaurante, "*os meus miúdos estão tão queridos, estão a passar uma fase giríssima*", ela endireita-se na cadeira, como se me pedisse que baixasse o tom de voz. E é vê-la a alta velocidade a mudar para o tema, esse sim interessantíssimo, da minha carreira, que novas histórias fiz, que reportagem, que aventura vivi, que figuras públicas conheci recentemente».

Continua a jornalista, ainda e sempre a falar como mãe: «O que me chateia nisto é esta ideia de que ter filhos é incompatível com uma vida profissional, com a vida, como se uma mulher com filhos ficasse imediatamente catalogada como uma matrona de tempos idos, uma espécie de dona de casa ideal, relegada para o fogão»!

E conclui assim o seu belíssimo testemunho materno: «É possível que, como democracia recente, estejamos a viver a era das carreiristas. Só elas, as mulheres tipo *Sexo e a Cidade*, só essas têm interesse. Como se fosse impossível que uma mulher com filhos pudesse ser isso, também. Espero que este país cresça depressa. Um dia destes passo-me e tenho mesmo mais um filho”.

**5.** Meus caros irmãos e irmãs: este gemido da criação, esta «vida» que quer nascer, continua a fazer-se sentir no grito dos mártires inocentes e na luta de algumas mães, que prezam a vida e a todo o custo cuidam dela, com dor e amor. Esta mãe, que é também jornalista, não nos fala nunca de Deus, em parte nenhuma. Mas é, por certo, no nosso tempo, uma das mártires da causa da vida e por causa da vida! Razão tem São Paulo: ***“Toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade”!*** *(Rom.8,22)*! Quem não o sente?

Homilia no XV Domingo Comum A 2011

Santa Marinha

**I.** Um Semeador, muita Semente e quatro terrenos!

Primeiro, claro está, **o Semeador**. Destemido, generoso, semeia a torto e a direito. É um “mãos largas”, sem vistas curtas, e por isso incapaz de apartar ou de medir terrenos. Ele semeia com largueza e na certeza de que a semente é boa, e dará fruto a seu tempo. Logo depois, vem **a semente,** verdadeira razão de ser do labor ativo do Semeador. Em cada semente – ele sabe-o bem - está a força e a promessa de uma vida nova por despontar, o segredo de um rebento chamado a crescer, a seiva de um ramo destinado a florescer, toda a potência de uma árvore, pronta a frutificar. O Semeador conhece o poder da semente. E não se nega a deixá-la cair, aqui e além, pelo caminho, entre pedras e espinhos. Quem sabe afinal, com certeza matemática, onde está a terra boa? Por isso, o Semeador não se ilude com terrenos vistosos, e deixa escapar-lhe das mãos a semente. “Por mais, não perde”, pensará ele. Sabemos agora que o Semeador sai de casa, com boa semente na mão. Isso é certo, seguro e sabido.

A diferença está no fruto... ou, antes disso ainda, no terreno, que é cada um de nós. A questão dos **terrenos** vem, por isso, em último lugar, mas tem importância decisiva.

**II.** Quatro terrenos, que são como que quatro cantos ou recantos do nosso coração humano. Deixo para Jesus, a explicação da parábola, que se segue ao texto que acabámos precisamente de ouvir. E dou a Palavra ao Mestre:

*a)* *Quando um homem ouve a palavra do reino e não a guarda, vem o Maligno e arrebata o que foi semeado no seu coração. Este é o que recebeu a semente ao longo do caminho.* A palavra entrou por um ouvido e saiu por outro, diríamos nós!

*b)* *Aquele que recebeu a semente em sítios pedregosos é o que ouve a palavra e a acolhe de momento, mas não tem raiz em si mesmo, porque é inconstante, e, ao chegar a tribulação ou a perseguição por causa da palavra, logo sucumbe.* A Palavra não resistiu à prova de fogo... fogo de vista, está visto!

*c)* *Aquele que recebeu a semente entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo e a sedução da riqueza sufocam a palavra, que assim não dá fruto.* Nada mais comum, num tempo como o nosso em que temos mais que fazer do que perder tempo a ouvir e a incomodar!

d) E aquele que recebeu a palavra em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende, (a cumpre). Esse dá fruto. Produz ora cem, ora sessenta, ora trinta por um.

**III.** Esta é realmente a parábola da nossa esperança e da nossa confiança, no poder vital da semente, da Palavra de Deus.

Apesar do insucesso, em tantos batizados, cujo gérmen da fé morre, por falta de boa terra, há sempre, e felizmente, na história da Igreja, muitos homens e mulheres, que plantaram a Igreja, com o seu sangue e fizeram do seu sangue derramado, semente de novos cristãos!

Os santos e os mártires são assim o melhor exemplo da terra boa, onde a semente do evangelho resistiu a todas as provas e veio a dar muito fruto.

Desta fecundidade, a cem por um, temos o testemunho eloquente da mártir, Santa Marinha, padroeira da nossa comunidade. Não se valendo dos seus títulos de nobreza, preferiu antes renunciar à própria vida, do que renegar a sua fé, em Jesus Cristo, Filho do Deus vivo.

Nascida em Braga, no ano 120, de um parto múltiplo de nove irmãs, soube vencer as superstições, que viam nisso não um sinal de bênção, mas uma profecia de maldição! Entregue aos cuidados de Ovídeo, o santo bispo de Braga, tornou-se cristã, e agarrou-se a Cristo, como fonte da verdadeira vida! Os seus pais, Lúcio Caio Atílio Severo e Cálcia Lúcia eram pagãos, adoravam os falsos deuses, e por isso não perceberam que era sua missão, não só «cooperar com Deus na transmissão do dom inestimável da vida, mas também a dar a conhecer Aquele que é a Vida». Todos sabemos que «a vida não é realmente transmitida, se não se conhecem também o fundamento e a fonte perene da vida que é Cristo» (Bento XVI).

Santa Marinha, cuja vida humana, foi poupada à nascença, tem a generosidade de a oferecer na adolescência, como sinal de fidelidade Àquele que é o fundamento e a fonte perene da sua Vida. Mártir na Galiza, nos meados do século II, rapidamente o seu testemunho fecundou as terras da Galiza e do Norte de Portugal, aumentando o número de cristãos. A sua vida, lançada à terra, como o grão de trigo, dá muito fruto! Tal fruto torna mais rica e mais forte a nossa fé.

E é tal este fruto, que ainda hoje estamos aqui a fazer memória viva da sua entrega. E é tal o seu fruto, que gerações e gerações de cristãos, se sentiram estimulados pelo testemunho desta mártir, a professar a sua fé em Jesus Cristo.

Hoje, num terreno tão difícil, para a fé cristã, como é o do paganismo reinante em que vivemos, precisamos muito do patrocínio espiritual de Santa Marinha e da sua intercessão, para não deixarmos afogar ou sufocar a semente da nossa fé, pelos espinhos de uma cultura, que quer negar Deus ou relegá-lo, para um espaço sem dimensão na nossa vida.

Confiemo-nos a Santa Marinha e rezemos com ela e como ela, para que a semente da Palavra de Deus encontre em nós, como nela, a boa terra. E assim dêmos muito fruto.

Lectio Divina de Mc.4,1-9

De novo começou a ensinar à beira-mar. Uma enorme multidão vem agrupar-se junto dele e, por isso, sobe para um barco e senta-se nele, no mar, ficando a multidão em terra, junto ao mar. 2Ensinava-lhes muitas coisas em parábolas e dizia nos seus ensinamentos: 3«Escutai: o semeador saiu a semear. 4Enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho e vieram as aves e comeram-na. 5Outra caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra e logo brotou, por não ter profundidade de terra; 6mas, quando o sol se ergueu, foi queimada e, por não ter raiz, secou. 7Outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, sufocaram-na, e não deu fruto. 8Outra caiu em terra boa e, crescendo e vicejando, deu fruto e produziu a trinta, a sessenta e a cem por um.» 9E dizia: «Quem tem ouvidos para ouvir, oiça.»

1. LEITURA[[1]](#footnote-1)

**1. Contexto:**

**1.1.** Trata-se, no evangelho de São Marcos, do primeiro grande discurso de Jesus. Nele se apresenta o ensino de Jesus através de parábolas: processo sapiencial e pedagógico de todos os tempos e lugares. As parábolas, tiradas do quotidiano doméstico, das lides agrícolas, da vida piscatória, da experiência humana, são do mais expressivo e mais belo na literatura universal. Têm como finalidade dar-nos a compreender a missão de Jesus e o mistério do Reino; porém, só atingimos este objetivo na medida em que sintonizamos com Ele (v.33-34). Para os de fora, isto é, para os que não o aceitam e se lhe opõem, as parábolas são mistério e tropeço (v.10-12).

**1.2.** Antes deste Discurso percebemos que as coisas não estão a correr lá muito bem para Jesus e que, deste modo, elas tentam iluminar as razões da crise do ministério de Jesus na Galileia, que chega ao cúmulo de ser contestado pelos próprios familiares. De certo modo respondem à pergunta: porque é que a Palavra e a missáo de Jesus não vão de vento em popa?

**1.3.** Se bem repararmos, esta parábola é a primeira de um grupo de três parábolas da semente: a do semeador (Mc.4,1-8), a da semente que cresce por si mesma (Mc.4,26-29) e a do grão de mostarda (Mc.4, 30-32).

A primeira e a terceira são comuns aos três evangelhos sinópticos (Mt.Mc.Lc). A segunda só Mc a refere. A estas poderíamos acrescentar a da parábola do fermento (comum a Mt e a Lc) e a parábola do trigo e do joio (Mt.13,24-30). Estas têm todas uma certa afinidade de contexto, de pedagogia, de ensinamento.

**1.4.** Todas, de facto, apresentam algo pequeno, humilde e escondido, que, pese embora as dificuldades ou sofrendo contrariedades, cresce, frutifica, torna-se visível e grande. Num momento de crise no ministério de Jesus, pela Galileia, em que as coisas não correm bem, com recusas e contestações, até no seio da própria família, as parábolas abrem-nos à compreensão da Palavra, que, mesmo sendo divina, se adapta às condições do terreno, ou, dito de outro modo, aceita as respostas que o terreno dá e que frequentemente são negativas. Se na primeira parábola, se percebe que a semente não dá fruto sozinha, na segunda acentua-se a força vital da semente que dá fruto por si mesma. A terceira vai-nos remetendo para uma condição: é preciso diante da Palavra, ser capaz de assinar um cheque em branco…

1.5. Voltemos a ler o texto:

1. Que palavras se repetem três vezes, antes ainda do enunciado da parábola: *mar e ensino*.

*Ensinar, ensinava-lhes, ensinamentos*: É estranha mas não inocente esta insistência num evangelho pouco dado a grandes discursos, mais de «ação» do que de «palavras». Jesus revela-se aqui como verdadeiro Mestre, Mestre da vida, Mestre com a força profética da admoestação, da denúncia, da ira. Jesus é um Mestre preocupado por que as pessoas possam encetar um determinado itinerário mental.

*À beira-mar, no mar, junto ao mar:* Antes Jesus ensinara na montanha (Mc.3,13-14). Agora ensina junto ao mar. Não podemos esquecer a força simbólica do mar, como lugar do caos, da turbulência, do abismo, da convulsão, da ameaça, do risco, da confusão, da instabilidade. Jesus aproxima-se de nós, para entrar dentro do mar da fragilidade e da instabilidade humana… com todas as suas vicissitudes e desordens,

2. Qual a primeira e última palavra da parábola: «*escutai*»… «quem tem ouvidos para ouvir, *oiça*»… Trata-se de um apelo direto e incisivo que se dirige à inteligência e ao coração dos discípulos.

3. Que palavra se repete três vezes: *semear*… Vem à mente o salmo 126: «à ida saíam chorando levando as sementes»… Semear significa confiar uma vida ao seu caminho vital, iniciar um processo vital com confiança. É uma metáfora muita querida à Escritura, pois descreve a palavra e a fé no seu caminho pessoal.

4. Qual é a variável: o semeador, a semente ou os terrenos? Os terrenos. Por isso alguns opinam de que mais do que "parábola do semeador", ela é "parábola do terreno semeado", que são os ouvintes de Jesus.

5. Quais são os 4 terrenos? Repare-se que há um crescendo, quer ao nível literário, quer ao nível das imagens, quer na atenção aos detalhes.

*1º Terreno: “à beira do caminho”. A descrição é rápida. A semente nem chega a germinar.*

**4Enquanto semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho e vieram as aves e comeram-na.**

*2º Terreno: “Terreno pedregoso”. A descrição é mais pormenorizada. Terra, raíz e profundidade são os aspetos mais realçados, relacionados com o terreno pedregoso. A semente germina .*

**5Outra caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra e logo brotou, por não ter profundidade de terra; 6mas, quando o sol se ergueu, foi queimada e, por não ter raiz, secou.**

*3º Terreno: “Entre os espinhos”. A semente germina. Náo diz que não cresce, mas diz que náo frutifica. Ora esse é o objetivo último do crescimento e recorda-nos a desgraça da figueira estéril e da vinha que só dá agraços…*

**7Outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, sufocaram-na, e não deu fruto.**

*4º Terreno: “Em terra boa”. Repare-se no modo solene da expressão, numa certa sinfonia das palavras, mediante a imagem da terra boa. A plenitude é descrita cuidadosamente. Nas anteriores, a palavra «semente» aparece no singular. Neste caso, fala-se de «sementes».*

**8Outra caiu em terra boa e, crescendo e vicejando, deu fruto e produziu a trinta, a sessenta e a cem por um.**

6. Convém não esquecer, que esta produção «trinta, sessenta e cem por um» é algo de «exagerado», o que significa que é aqui que o Evangelista quer pôr o acento.

7. Uma explicação:

- A semente é semeada, confiada ao (per)curso vital da liberdade humana;

- Com confiança: quem a semeia, deixa-a entregue ao seu próprio destino;

- Com largueza: sem estar olhar onde se semeia

- A semente está escondida; é apenas percetível ao princípio; afronta oposições e obstáculos e, pese embora as derrotas iniciais, é vitoriosa cem por cento, de modo extraordinário.

II. MEDITAÇÃO:

1. Que mais me impressiona na parábola?

a) a generosidade do semeador que não seleciona os terrenos?

b) a força vital da semente que pode frutificar com abundância?

c) a eficácia da Palavra condicionada pela qualidade dos terrenos?

d) o otimismo com que termina a parábola, depois de passar por terrenos infrutíferos?

2. Que tipo de terreno sou eu? (cf. Mc,4,13-20)

a) o primeiro: «à beira do caminho»

b) o segundo: «entre os espinhos»

c) o terceiro: «em sítios pedregosos»

d) o quarto: «terra boa»

3. Como se verificam em mim as condições deste terreno? (cf.Mt.13, 18-23)

4. Como «semeador» da Palavra, que atitudes minhas se assemelham ou contrastam com as de Jesus?

5. Poderíamos fazer aqui uma reflexão sapiencial: Ter consciência de que a semente vem do alto e se destina a tornar-se uma só coisa com a terra onde cai. E que o coração onde ela morre para frutificar, é lento no seu acolhimento, na sua resposta, poluído de imensas coisas que o ocupam e preenchem… A ação pastoral não cria a semente: vem de Deus. A resposta vem do homem, da terra. O «semeador» não é dono da semente, não pode forçar a liberdade, tão só facilitar a ação de Deus. Não depende dele (do semeador) provocar a resposta favorável que procede da liberdade desde o momento em que o próprio Deus se confia à liberdade humana, ao terreno do coração do homem, aceitando também a derrota, a resposta negativa.

*6Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem deu o crescimento.* *7Assim, nem o que planta nem o que rega é alguma coisa, mas só Deus, que faz crescer.* *8Tanto o que planta como o que rega formam um só, e cada um receberá a recompensa, conforme o seu próprio trabalho.* *9Pois, nós somos cooperadores de Deus, e vós sois o seu terreno de cultivo* (I Cor.3,6-7).

**Oração por ocasião do quinto aniversário da Encíclica *Laudato si’***

*Pode substituir a oração dos fiéis ou ser rezada após a Comunhão.*

Senhor Deus de amor,

Criador do Céu e da Terra e de tudo o que eles contêm:

Tu criaste-nos à tua imagem

e tornaste-nos administradores da tua criação,

da nossa Casa comum.

Tu abençoaste-nos com o Sol, a água e a terra

tão generosa que a todos alimenta.

Abre as nossas mentes e toca os nossos corações,

para que saibamos darmo-nos conta do dom da tua criação.

Ajuda-nos a sermos conscientes

de que a nossa Casa comum não nos pertence só a nós

mas a todas as gerações futuras,

e que é responsabilidade nossa preservá-la.

Faz com que possamos ajudar cada pessoa a ter

o alimento e os recursos de que precisa.

Faz-Te presente para os necessitados nestes tempos difíceis,

especialmente para os mais pobres e vulneráveis.

Transforma em esperança o nosso medo,

a nossa ansiedade e os sentimentos de solidão,

para podermos experimentar uma verdadeira conversão do coração.

Ajuda-nos a mostrar a nossa solidariedade criativa

no afrontar as consequências desta pandemia.

Torna-nos corajosos,

para abraçar as mudanças na procura do bem comum.

Agora, mais do que nunca,

possamos sentir

que estamos todos unidos e interdependentes.

Faz de modo a que possamos ouvir e responder

ao grito da Terra e ao grito dos pobres.

Que os sofrimentos atuais possam ser

as dores do parto de um mundo

mais fraterno e sustentável.

Sob o olhar terno de Maria,

isto Te pedimos,

por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

1. CARLO MARIA MARTINI, *Por qué Jesus hablava en parábolas*?, Ed. Verbo Divino, Navarra 1997, 59-74. [↑](#footnote-ref-1)